

A PRÁXIS DO FEMININO NAS TRAGÉDIAS
ANTÍGONA E ELECTRA DE SÓFOCLES

Elizabeth B. Ribeiro Silva (UFRJ/Pesquisadora do grupo Metanoia - UERJ)

RESUMO:

Neste trabalho a intenção é fazer uma descrição e análise das personagens Antígona e Electra na obra do trágico Sófocles quanto ao comportamento e à voz que é-lhes conferidas pelo autor. As personagens se distanciam do perfil feminino da época ao se oporem a um governo e à lei do matricídio. Sendo obras homônimas, confrontaremos a representação sofocliana utilizada com as versões dos outros autores trágicos em relação às mesmas personagens, demonstrando a mudança de comportamento das mesmas em relação a atitudes que revelam a coragem e a covardia das protagonistas.

THE PRAXIS OF WOMEN IN SOPHOCLES' TRAGEDIES ANTIGONE AND ELECTRA

ABSTRACT:

In this work the intention is to provide a description and analysis of Antigone and Electra characters in the tragedian Sophocles' work as to behavior and voice that is conferred upon it by the author. The characters move away from the female profile of the time to oppose a government and matricide law. Being homonymous works confront the sofocliana representation used with versions of other tragic authors in relation to the same characters, showing the same of behavioral change from the attitudes that reveal the courage and cowardice of the protagonists.

Palavras-chave: Práxis, Antígona, Electra, Sófocles

TEXTO:

“Designa-se por família o conjunto de pessoas que possuem grau de parentesco entre si e vivem na mesma casa formando um lar. Uma família tradicional é normalmente formada pelo pai e mãe, unidos por matrimônio ou união de fato, e por um ou mais filhos, compondo uma família nuclear ou elementar.”

(Dicionário Brasileiro Globo Superdicionário – Língua Portuguesa- Francisco Fernandes, Celso Pedro Luft- F. Marques Guimarães; 52ª edição- editora Globo).

A família é considerada uma instituição responsável por promover a educação dos filhos e influenciar o comportamento dos mesmos nomeia social. O papel da família no desenvolvimento de cada indivíduo é de fundamental importância. É através dela que se recebem valores morais e sociais.

Destacamos acima uma definição de como a História Antiga vem consolidar através de seus relatos o núcleo familiar. Mesmo com olhar bastante fixo nas guerras e na pessoa dos heróis que compõem suas narrativas, o período clássico salienta que os heróis fazem parte de uma família que merece nossa atenção e que ela é uma mescla das aventuras vividas, dos conflitos e de grandes ensinamentos para a sociedade vigente.

A família da época clássica era considerada mais coesa do que a da atualidade, no que se relaciona ao seu sistema patriarcal. O homem tinha como habitação o chamado *oikos*, nele consolidava os seus bens; suas atividades eram predominantemente no exterior da casa; tinha o exercício da autoridade sobre a mulher; entendia que ela era hipossuficiente, em relação à vontade e à inteligência.

De acordo com o autor Fábio Lessa em sua obra *Mulheres de Atenas*, o modelo de mulher da época ateniense deveria: administrar o *oikos*; se casar ainda jovem; se dedicar à tecelagem; conceber filhos, preferencialmente do sexo masculino; sua atuação era restrita ao espaço interno, pois os externos eram destinados aos homens; a festa que participava era em honra à Deméter; deveria sempre ficar em silêncio; era considerada débil e frágil.

O autor Xenofonte também apresenta o modelo padrão que as mulheres deveriam seguir:

VII 4. Tu mesmo educares tua mulher de modo que ela fosse tal qual deve ou a recebeste das mãos do pai e da mãe já sabendo cuidar das tarefas que lhe cabem.

VII 5. E o que saberia ela, quando a tornei como esposa? Ao chegar ao minha casa não tinha ainda quinze anos e, antes disso, vivia sob muitos cuidados para que visse o mínimo, ouvisse o mínimo e falasse o mínimo.

A continuidade do texto de Xenofonte reforça a opinião de que à mulher cabia gerenciar o patrimônio da família, a criação, a tecelagem, estabelecer a confiança, segurança, conforto e bem-estar do *oikos*. De que era débil, frágil, devia ter a cor da pele clara, evidenciando a vida longe do sol, e sua principal função deveria ser a concepção de filhos (de preferência do sexo masculino):

VII 22. Já que ambas as tarefas, as do interior e as do exterior da casa, exigem trabalhos e zelo, desde início, na minha opinião, o deus preparou-lhes a natureza, a da mulher para os trabalhos e cuidados do interior, a do homem para os trabalhos e cuidados do exterior da casa.

VII 30. E a lei declara nobre aquilo para o que os fez mais capazes por natureza. Para a mulher é mais belo ficar dentro de casa que permanecer fora dela e para o homem é mais feio ficar dentro de casa que cuidar do que está fora. (Econômico:1999)

A composição familiar grega nos conduz, ainda que em um curto período, a navegar em um aprendizado deixado pela cultura clássica de modo a perceber as modificações do comportamento e o desenvolvimento da sociedade que de alguma forma influenciaram a sociedade atual. Contudo, a proposta deste trabalho é analisar as protagonistas Antígona e Electra que não estão em um campo de batalha, mas sim na representação da vida cotidiana. São personagens que têm dificuldades de relacionamentos, frustrações e sofrem perseguições, principalmente de cunho político.

Segundo Antônio Candido, na sua obra *A personagem de ficção*:

personagens são partes fundamentais para o desenvolvimento de uma narrativa. São elas que animam a ação das histórias, do mesmo modo que, para Aristóteles, a alma anima os seres, sendo a essência da vida. Seja em obras narrativas ou dramáticas, o autor confere a cada personagem um papel a ser cumprido, uma, função ser desempenhada, uma vontade a ser exercitada e/ou um destino a ser alcançado.

Desta maneira, as personagens protagonistas Antígona e Electra ao longo de sua trajetória lutarão para atingir seu objetivo, buscarão vencer obstáculos e até tentarão ultrapassar a *hybris*, caminhando na contramão daquilo que é proposto à mulher da época.

O autor Sófocles nasceu em 497/496 a.C., em Colono, a uns vinte quilômetros de Atenas. Seu pai, Sofilos, era um rico fabricante de armas. Sua carreira foi sempre marcada pelo sucesso; diz a tradição que ao representar em 469/468 a.C. suas primeiras peças, entre as quais Triptólemo, saiu vencedor da competição com Ésquilo. Sófocles escreveu entre 115 e 130 peças e obteve 23 ou 24 vitórias. Dentre suas peças mais conhecidas temos Antígona — a mais antiga (cerca de 440) — e Electra (cerca de 430), entre outras.

Na peça de Antígona encontramos fortes contrastes, pois o autor apresenta uma jovem amorosa, de bom caráter, que tem como objetivo fazer cumprir o amor que nutre pelo irmão através de suas ações — ou seja, sepulta-lo — independente das relações nada harmoniosas existentes entre os seus familiares. Ela que não tem exército a seu favor, está sozinha diante da tirania do rei Creonte — seu tio materno. Ele tem um perfil absolutista, nesta época a vida pública da sociedade só cabia aos homens. Entretanto, Antígona, uma mulher sozinha, surge para desestruturar essa tirania, deixando perplexa a sociedade da época. Nesta obra se percebe a linguagem, a lealdade e a dignidade de Antígona em oposição à política de uma cidade estabelecida na pessoa de um rei.

Antígona é filha de Édipo e Jocasta, tem uma irmã Ismena e dois irmãos — Polinice e Eteócles — que disputavam a sucessão do reinado da cidade, devido à morte de Édipo. Com a ganância de ocupar o trono sem um possível acordo, ambos acabaram se matando numa luta. Tudo se passa em Tebas. Com a morte de ambos seu tio Creonte, agora rei, ordena que Eteócles seja enterrado com todas as honras e proíbe o sepultamento de Polinices, decretando àquele que desobedecesse a suas ordens o castigo da morte. Nossa protagonista Antígona ultrapassa o *métro*n estipulado e enterra seu irmão Polinices, sendo assim automaticamente condenada à morte.

A outra personagem objeto de nossa pesquisa é Electra, personagem das obras dos autores Ésquilo e Eurípedes. Nossa intenção é abordar a obra de Sófocles que demonstra que a figura feminina da personagem Electra ultrapassa toda a medida em busca de concretizar sua ideia de vingar a morte de seu pai. Esta mulher, no decorrer da narrativa, foge aos padrões estabelecidos a uma mulher de sua época.

Electra, oriunda de família nobre, é filha de Agamêmnon e de Clitemnestra, tendo por irmãos Orestes, Ifigênia e Crisótemis. Ela planeja pôr fim à vida de sua mãe e de seu amante Egisto pelo assassinato de seu pai. Juntamente com sua irmã suportou as humilhações na esperança do retorno de seu irmão Orestes. Para isto roga aos deuses uma forma de por seu plano em prática. Suas preces são atendidas e seu irmão Orestes que esteve no exílio retorna a Micenas e é guiado por Electra até aos assassinos de seu pai.

No decorrer da narrativa nos deparamos com uma Electra cujo pensar caminha quase que em uma cadência com a sua fala, pois ela está muito comprometida com a vingança, que é a força que a move. Por isso, anula sua vida agindo assim em função do que para ela vem a ser o seu único e principal objetivo. Podemos verificar na passagem da obra em que ela espera pelo irmão Orestes que está no exílio: “Electra: Espero-o indefinidamente sem filhos, infeliz, errante, sem esposo, desfeita em lágrimas, esmagada por desgraças sucessivas;” (v. 151)

Vale ressaltar que Ésquilo, um dos grandes tragediógrafos da Grécia Antiga, na sua obra *Oréstia* (uma trilogia), mais precisamente nas *Coéforas*, que significa “portadora de libações”, apresenta Electra e Orestes, isto se dá no encontro de Electra e seu irmão no túmulo de seu pai, sendo um dos pontos altos da obra o “reconhecimento”. Orestes retorna ao palácio e lá mata sua mãe Clitemnestra e o seu amante, Egisto. A punição ao irmão de nossa personagem é o exílio onde será perseguido pelas Erínias —

divindades estas que vingam o sangue de um membro de uma família que fora derramado por um familiar. Outro grande poeta trágico grego que também discorre sobre a personagem Electra é Eurípedes. Este autor dá um destaque maior a personagem Electra em sua obra.

Percebemos que as obras *Antígona* e *Electra* do autor Sófocles têm a presença do discurso feminino, algo que não era corrente para época. A utilização do método dialético na composição do texto trágico marca a trajetória das personagens. Elas desempenham no enredo, aspectos estruturais homônimos; o sofrimento contido das personagens é um deste aspecto, pois ambas têm a dor da perda; a coragem delas frente à covardia das irmãs; o sepultamento como rito sagrado para a época — ainda hoje o temos como cerimônia sagrada. Antígona perde o irmão Polinices e Electra perde o seu pai, Agamêmnon, e as duas buscam fazer valer o direito pela posição de nobre quando almejam fazer justiça com “as próprias mãos”; enterrar o irmão, no caso de Antígona, e fazer justiça referente à morte do pai, como aponta a narrativa de Electra.

Contudo, não obstante as dificuldades encontradas por Antígona e Electra, outros personagens colaboraram com a narrativa, tais como: o coro, o pai, o irmão, a mãe, o governador e outras figuras míticas presentes nas obras, mesmo que não tenham papéis significativos, mas de alguma maneira influenciaram no curso do enredo. Acrescenta-se ainda a figura das irmãs das personagens. Ismênia irmã de Antígona mostra como deve ser o comportamento da mulher, em oposição ao da irmã; assim como Crisótemis, irmã de Electra, também submissa, sustenta o papel que lhe é dado na sociedade.

Ismênia se rende ao que o Estado impõe através da pessoa de Creonte: à obediência, à submissão e acima de tudo ao silêncio que era uma das maiores virtudes das mulheres. Sua irmã Antígona, no calor da situação que se encontrava de não poder sepultar seu irmão por ordem do rei, tenta romper com os costumes estabelecidos para a mulher da época de levar sua irmã a ajudá-la no sepultamento de seu irmão, afinal daria honras a um ente querido. A recusa surge por parte de Ismênia, pois esta era totalmente moldada à cultura de seu tempo, como nos aponta o diálogo a seguir:

Antígona: (...) é me ajudar ou não. Decide por ti mesma. (...) Vais ajudar meu braço a carregar o morto?(...) É meu irmão, e teu, quer queiras ou não queiras.

Ismênia (...). Mas, agora, que estamos sós, vê só que morte horrenda nos aguarda, ao transgredir a lei. E afrontar o decreto e o poderio do rei. Pensa nisto também, nós somos só mulheres. Fracas para enfrentar os homens e sujeitas ao mando do mais forte. Só resta acatar.

No entanto, Antígona não se deixa abater pela negativa da irmã e acentua dentre vários conflitos existentes nesta tragédia o que pontuamos e destacamos como de extraordinário, ou seja, o embate entre o homem e a mulher. Antígona dá voz ao sexo feminino. A ação da personagem é o que chamamos de *Práxis*, uma ação em relação ao governo de Creonte após tê-la admoestado com aspereza por sua desobediência. Ela usa o *lógos* de enfrentamento ao soberano:

Antígona: Não me aflige esta sina. Porém se aceitasse,
Para um filho morto de minha própria mãe,
Que o jogassem no ermo, corpo sem sepulcro,
Isto me afligiria. A morte não me aflige,
Pra ti talvez eu pareça uma louca,
Talvez essa loucura eu deva a um outro louco.
(vv. 465-470)

Creonte se manifesta;
(...) Quando ela violou o decreto proclamando,
Sabia que seu ato era pura insolência.
Mas, agora, tudo feito, comete nova
Insolência rindo e se gabando da ação.
Se ela se conceder impune esse poder,
Homem não mais serei, mas ela é que será.
(vv. 480-485)

Então, vai, vai amar teus mortos lá embaixo.
Enquanto eu estiver vivo, mulher não faz lei.
(vv. 524-525)

Esses diálogos entre Antígona e Creonte nos apontam o papel atribuído ao sexo oposto. Ainda que estejam trilhando a mesma cultura e utilizando a mesma linguagem, a personagem em questão expõe um significado ao seu comportamento justificando que a ordem de Creonte violou de forma vergonhosa a lei familiar, que para ela significa a lei máxima.

Crisótemis, a irmã de Electra, vive a boa posição no palácio, com roupas dignas de princesa, e não vive o momento de luto de seu pai, talvez por medo de perder toda a mordomia com sua mãe

Clitemnestra em oposição à forma como vivia sua irmã Electra — de princesa a escrava, utilizando roupas consideradas indignas a sua origem.

Electra (...). Como se fosse intrusa
e sem direitos, vivo como serva
neste palácio onde meu pai foi rei,
vestida nesta roupa degradante
de pé, em frente à mesa sem convivas
(vv.189-194)

No entanto, Electra tenta romper com o paradigma do comportamento da mulher e tenta convencer sua irmã a ajudá-la no plano de pôr fim à vida de sua mãe e de seu padrasto Egisto, acreditando que teria como recompensa a admiração do povo da cidade e assim teria se vingado daqueles que mataram seu pai Agamêmnon. Entretanto Crisótemis não concordou com o plano de Electra, pois estariam ambas rompendo com o costume imposto às mulheres.

Electra: (...) Olhai, amigos, as irmãs que sós e frágeis.
Salvaram a paterna casa ameaçada!
Seus inimigos, firmes no poder, mandavam,
Mas elas, insensíveis a todos os ricos,
Mataram-nos, vigando a morte de seu pai!
São ambas dignas de respeito e de homenagens
E onde as notar o povo há de prestar-lhes
O preto de honra compatível com a bravura.
(vv.950-...)

Tanto Ismênia, irmã de Antígona, quanto Crisótemis, irmã de Electra, viviam de acordo com os costumes da época, totalmente submissas e alheias às atividades exteriores ao *oikos*. Se porventura alguém tentasse levá-las a lutarem por algum ideal, estaria fadado ao fracasso, porque elas jamais trilhariam um caminho diferente que lhe fora proposto pelos seus ancestrais, até porque as mulheres eram privadas da vida política da cidade. Abaixo, encontram-se duas passagens da obra *Mulheres de Atenas (Melissa-do Gineceu à Agorá)*, de Fabio Lessa, que corroboram essa opinião:

A polis dos atenienses privava as esposas de participação direta na vida política, em como dos direitos civis. (2010:57)

As mulheres estavam subordinadas aos homens nas esferas políticas, social e jurídica. Elas, na sociedade ateniense, eram consideradas psicologicamente não-autônomas, não-livres e incapazes de se controlarem a si próprias. (2010:69)

Antígona e Electra são mulheres que se assemelham em suas atitudes e seus ideais. Entre elas não ocorre a intervenção divina, mas o curso natural dos acontecimentos. A *práxis* destas duas mulheres nas obras de Sófocles é observada através do comportamento que ambas estabelecem para si, ou seja, o não seguir o ato da submissão e servilidade. Estes atos não se ajustam ao caráter das personagens, e nos causam estranheza, pois o próprio autor Sófocles diverge do que fora estabelecido para as mulheres da época que tinham a obrigação de servir, e na sua obra homônima as personagens fogem a este quesito, elas se comportam como mulheres a frente do seu tempo, que lutam pelos seus objetivos e, acima de tudo, buscam fazer valer os princípios familiares da lei máxima na Grécia, que se equipara à segunda e grande lei, a da hospitalidade.

É relevante apontar que as personagens em questão ou heroínas de outras obras só se posicionam de forma contrária ao comportamento que diverge daquele estabelecido a elas quando estão afastadas dos chamados guardiões, que pode ser o seu pai, os seus irmãos e o marido que ainda terão. Na ausência destes a heroína age, isto é fala. Agem em favor próprio e por causa da própria família. Suzana de Castro em sua obra *Mulheres das Tragédias Gregas* menciona que: “A fala é o motor da ação, porque fala e as ações das heroínas não dizem respeito às questões de interesse nacional, mas apenas da questão doméstica, familiar e religiosa.”

Em suma, encerramos este trabalho, mas não a pesquisa, pois ainda se tem muito a observar quanto ao pensamento do tragediógrafo Sófocles nas obras *Antígona* e *Electra*, pois procurou dar a seus personagens outros cenários para a ação e um deles é o afastamento dos deuses, que o diferencia de Ésquilo e Eurípedes.

Na procura de diversas citações referentes ao feminino, o estudo de Antígona e Electra nas obras de Sófocles nos leva a reflexão da natureza do discurso feminino e situações de imposições atribuídas a elas devido a um conceito pré-estabelecido pela sociedade. A intenção é nos debruçarmos sobre as obras já citadas e entender mais a fundo o mecanismo utilizado pelo autor para construir suas personagens, tornando-as contrárias ao padrão feminino de sua época, e entender como os outros personagens reagem

ao comportamento adotado por cada uma delas, atrelando um dos eixos retóricos primordiais para Aristóteles: o *éthos* (costumes) e o *lógos* (discurso).

Referências bibliográficas:

CANDIDO, Antônio. *A personagem de ficção*. Ed. Perspectiva: 2007.

CASTRO, Suzana de. *As Mulheres das Tragédias Gregas: Poderosas?* Ed. Manole S.A, 2011.

LESSA, Fabio de Souza. *Mulheres de Atena*. Rio de Janeiro. Ed. Mauad, 2010.

_____. *O Feminino em Atenas*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2004.

LORAU, Nicole. *Maneiras trágicas de matar uma mulher*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1985.

SÓFOCLES. KURY. *Electra*. Trad. de Mario da Gama Kury. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A.1965.

SÓFOCLES. *Antígona*. Trad. Pereira. Lawrence Flores- Rosenfield. Karthrin Holzermayr Introdução e notas. Ed. Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda. 2006.